

Fernando Pessoa

PREFÁCIO [a Quinto Império, de Augusto Ferreira Gomes]

PREFÁCIO

[a Quinto Império, de Augusto Ferreira Gomes]

A esperança do Quinto Império, tal qual em Portugal a sonhamos e concebemos, não se ajusta, por natureza, ao que a tradição figura como o sentido da interpretação dada por Daniel ao sonho de Nebucadnezar.

Nessa figuração tradicional, é este o seguimento dos impérios: o Primeiro é o da Babilónia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grécia e o Quarto o de Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente entendido como sendo o Império de Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele país; e creio que nesse nível, se interpreta bem.

Não é assim no esquema português. Este, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material de Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos.

*

A chave está dada, clara e obscuramente, na primeira quadra do Terceiro Corpo das Profecias do Bandarra, entendendo-se que Bandarra é um nome colectivo, pelo qual se designa, não só o vidente de Trancoso, mas todos quantos viram, por seu exemplo, à mesma Luz. Este Terceiro Corpo não é, nem poderia ser do Bandarra de Trancoso. Dizemos, contudo, que é do Bandarra.

A quadra é assim:

Em vós que haveis de ser Quinto

*Depois de morto o Segundo,
Minhas profecias fundo
Nestas letras que VOS Pinto.*

A palavra VOS, no quarto verso, tem a variante AQUI em alguns textos. Mas, de qualquer dos modos, a interpretação vem a ser igual.

Considerando, pelo lema da Tripeça, que todas as profecias têm três tempos distintos, esta será interpretada em relação a três tempos de Portugal, segundo as “letras” são “pintadas”. Se as letras são as da palavra VOS, indicam, como se mandou que se soubesse, *Vis, Otium, Scientia*. E se as letras são as da palavra AQUI, indicam, segundo a mesma ordem, *Arma, Quies, Intellectus*, que logo se vê serem termos sinónimos dos outros.

Temos pois que a Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos — o primeiro caracterizado pela Força (*Vis*) ou as Armas (*Arma*), o segundo pelo Ócio (*Otium*) ou o Sossego (*Quies*), e o terceiro pela Ciência (*Scientia*) ou a Inteligência (*Intellectus*). E os tempos e os modos estão indicados nos primeiros dois versos da quadra:

*Em vós que haveis de ser Quinto
Depois de morto o Segundo...*

No primeiro tempo — a Força ou Armas — trata-se de el-rei D. Manuel o Primeiro, que é o *quinto* rei da dinastia de Avis, e sucede a D. João o *Segundo*, depois deste morto. Foi então o auge do nosso período de Força ou Armas, isto é, de poder temporal.

No segundo tempo — Ócio ou Sossego — trata-se de el-rei D. João o *Quinto*, que sucede a D. Pedro o *Segundo*, depois de este morto. Foi então o auge do nosso período de esterilidade rica, do nosso repouso do poder — o ócio ou sossego da profecia.

No terceiro tempo — Ciência ou Inteligência — trata-se do *Quinto* Império, que sucederá ao *Segundo*, que é o de Roma, depois de este morto.

Quanto ao que quer dizer esta Roma, a cujo fim ou morte se seguirá o Império Português, ou *Quinto* Império, ou o que seja a Ciência ou Inteligência que definirá a este — não direi se o sei ou o não sei, se o presumo ou o não presumo. Saber seria de mais; presumir seria de menos. Quem puder compreender que compreenda.

As profecias são de duas ordens — as que, como a de Daniel e esta do falso Bandarra, têm em si uma grande luz; e as que, como as do vero Bandarra e as do livro presente, têm em si uma grande treva. Aquelas são o fio do labirinto, estas o mesmo labirinto. Umas e outras, porém, entre si se complementam. Por umas as outras se esclarecem, tanto quanto pode ser, porque a luz afasta as trevas, mas sem as trevas se não veria a luz. Tão certo é o que se diz em certo passo secreto — que a melhor luz que temos neste mundo não é mais que treva visível. . .

s. d.

Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional. Fernando Pessoa (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução organizada por Joel Serrão.) Lisboa: Ática, 1979: 99.

1ª publ. in **Quinto Império** . Augusto Ferreira Gomes. Lisboa: A. M. Pereira, 1934.